OS CATÁLOGOS ILUSTRADOS: devoção, iconografia e comercialização de obras sacras na *Belle Époque* brasileira

Cristiana Antunes Cavaterra [1]

RESUMO
Na segunda metade do século XIX, por toda a Europa surgem pequenas fábricas de objetos sacros, que serão implantados nas Américas nos decênios seguintes através dos imigrantes europeus. Estas fábricas, comandadas por um mestre escultor/entalhador auxiliado por colaboradores, além de oferecer obras únicas entalhadas em madeira, douradas e policromadas, comercializam reproduções de esculturas fundidas em *carton-piérre* e gesso decoradas com técnicas e materiais mais acessíveis. Caracterizadas pela presença de uma Sala de Exposições, Álbuns Fotográficos demonstrativos e pela distribuição de Catálogos Ilustrados de seus produtos, e refletem uma "universalização" da arte sacra, já iniciada com a romanização da Igreja Católica em expansão. No Brasil, o pioneirismo na fabricação de arte sacra se dá por meio de imigrantes italianos em São Paulo e alemães e italianos no Rio Grande do Sul, principais centros imigracionais na virada dos séculos XIX/XX, introduzindo as novas devoções européias no território brasileiro.
Palavras-chave: Catálogos Ilustrados. Belle Époque. Arte Sacra. Escultura. Entalhe.

ILLUSTRATED CATALOGS: devotion, iconography and commercialization of sacred works in Brazilian Belle Epoque

ABSTRACT
In the second half of the nineteenth century, small factories of sacred objects appeared throughout Europe, to be implanted in the Americas in the following decades through European immigrants. These factories, led by a collaborator-assisted sculptor / carver master, in addition to offering unique carved, gilded and polychrome woodwork, sell reproductions of cast-and-plaster sculptures decorated with more accessible techniques and materials. Characterized by the presence of an Exhibition Hall, demonstrative Photo Albums and the distribution of Illustrated Catalogs of their products, they reflect a "universalization" of sacred art, already begun with the Romanization of the expanding Catholic Church. In Brazil, the pioneerism in the manufacture of sacred art is through Italian immigrants in São Paulo and Germans and Italians in Rio Grande do Sul, major immigration centers at the turn of the 19th / 20th centuries, introducing new European devotions into Brazilian territory.
Keywords: Illustrated Catalogs. Belle Epoque. Religious art. Sculpture. Carving.

CATÁLOGOS ILUSTRADOS: devoción, iconografía y comercialización de obras sagradas en Belle Epoque brasileña

RESUMEN
En la segunda mitad del siglo XIX, en toda Europa aparecen pequeñas fábricas de objetos sagrados, que se implantarán en las Américas en las siguientes décadas a través de inmigrantes europeos. Estas fábricas, dirigidas por un maestro escultor / tallador asistido por un colaborador, además de ofrecer carpintería tallada, dorada y policromada única, venden reproducciones de esculturas de yeso y escayola decoradas con técnicas y materiales más accesibles. Caracterizados por la presencia de una sala de exposiciones, demostrativos álbumes de fotos y la distribución de catálogos ilustrados de sus productos, reflejan una "universalización" del arte sacro, que ya comenzó con la romanización de la Iglesia Católica en expansión. En Brasil, el pionero en la fabricación de arte sacro es a través de inmigrantes italianos en São Paulo y alemanes e italianos en Rio Grande do Sul, los principales centros de inmigración a principios del siglo XIX / XX, que introducen nuevas devociones europeas en territorio brasileño.
Palabras clave: Catálogos ilustrados. Belle Epoque. Arte religiosa. Escultura. Tallado.

CIRCULAÇÃO DE ARTISTAS E OBRAS: Europeus e imigrantes

O período que contempla o final do Império e a Primeira República, é marcado no campo religioso pela separação do Estado e Igreja, europeização e romanização do clero e crescente ingresso de sacerdotes de diversas ordens e congregações religiosas europeias em todo o território brasileiro.

[1] Mestre em Artes - IA/UNESP / Especialista em História da Arte Sacra - FAM; Conservadora e Restauradora de Obras de Arte - FAOP; Cavaterra Studio d'Arte e Restauro Ltda. E-mail: cavaterra.cris@gmail.com

São instauradas novas paróquias, tanto nas capitais como no interior dos estados, e os templos religiosos passam por grandes modificações. Muitos retábulos barrocos, rococós e neoclássicos são substituídos por altares de mármore, ao gosto clássico ou neogótico, importados sobretudo da Itália e a antiga imaginária sacra, quando não recebe camadas de repintes, é substituída por imagens de gosto classicizante, confeccionadas em madeira ou gesso douradas e policromadas, importadas da Europa pelas pioneiras casas de artigos religiosos do Rio de Janeiro e São Paulo.

AS FÁBRICAS DE IMAGENS SACRAS EUROPEIAS

No século XIX, por toda Europa, surgem fundições de bronze e gesso, que reproduziam obras de arte, ainda realizadas por escultores que trabalhavam nestes empreendimentos, e que pouco a pouco deixarão de ter papel fundamental na produção de obras de arte. A partir de 1900, surgem os primeiros catálogos distribuídos por estas empresas, e começam a ser realizadas as periódicas exposições de produtos artísticos e industriais e as exposições universais. É a idade do ouro das artes decorativas.

Segundo o Inventário de Catálogos Comerciais de mobiliário e objetos religiosos distribuídos no século XIX e início do século XX[2], foram identificados nos arquivos e bibliotecas franceses cerca de 250 catálogos comerciais ilustrados de móveis e objetos religiosos de fábricas nacionais e estrangeiras.

Na França, a *Maison Raffl*, terá excepcional sucesso em toda a Europa e também nas exportações para o Brasil. Estabelecimento de estatuária religiosa, fundada por Josef Ignaz Raffl[3], teve seu primeiro endereço registrado em 1906 na *Rue Bonaparte, 64*, em Paris, onde estava instalada loja de varejo, e à *Rue Mathurin Régnier, 51*, e funcionavam as oficinas de fabrico, carpintaria e montagem. Em 1907, torna-se Casa Raffl (Pacheu, Lecaron e Peaucelle). Suas imagens em estilo *Saint-Sulpicien*, serão exportadas em larga escala para as Américas e a casa passará por vários proprietários que manterão a razão social *Maison Raffl*. Em seus catálogos aparecem os nomes de vários escultores que trabalharam para a empresa, e respectivos prêmios em exposições, funcionando até 1920 c.

Em Portugal, na cidade do Porto, duas fábricas de imagens sacras exportavam suas obras para as Províncias portuguesas, Ilhas, Ultramar e Brasil. As *Officinas de esculptura e entalhadador de Ferreira d'Abreu & filhos*, que comercializava imagens, alfaias e paramentos litúrgicos e a premiada *Casa Estrella* que, em 1916, distribuía gratuitamente um catálogo comercial ilustrado com 143 gravuras.

COMÉRCIO DE OBRAS SACRAS NA *BELLE ÉPOQUE* BRASILEIRA: Casas importadoras da Europa

No final do século XIX, em toda a Europa, as fundições de imagens sacras em gesso ainda mantinham oficinas de escultura e entalhe em madeira, sendo a França, Portugal, Espanha e Áustria as mais notáveis, e os dois primeiros países os que mais exportaram imagens em madeira e gesso para o Brasil, através da venda por catálogos ilustrados. Dois grandes polos de distribuição destas imagens foram as capitais dos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Em São Paulo, entre o final do século XIX e início do século XX, as mais conhecidas e antigas foram a Casa Especial de Paramentos e Alfaias para a Egreja de Ferrete & Comp. (1888 c.), Fagundes, Bohn Junior & Comp. (1888 c.), A Aparecida (1887), e a Casa de Paramentos Rodovalho Jr & Co (1895).

Nos primeiros anos do século XX, existiram ainda na capital paulista, a Casa Pio X, de propriedade de Collazoz & Maia, e a Casa 'A Lourdes', de propriedade de D'Horta & Bastos, especializada na importação e distribuição de imagens de DELLIS FRÈRES[4], entre outros.

No Rio de Janeiro, dois importantes estabelecimentos comercializaram imagens sacras, a Casa "A Luneta de Ouro", de propriedade de Aurelio Monteiro & C, fundada em data desconhecida e extinta em meados de 1970, tem suas primeiras publicidades datadas de 1911, e a mais antiga e afamada, Casa Sucena.

---

[2] Realizados por Isabelle de Saint-Martin em 2002 para o *Inventaire Général du Patrimoine Culturel* do Ministério da Cultura e Comunicação da França.

[3] Josef Ignaz Raffl, nasceu em 17/12/1828 na cidade de Merano, na Itália tirolesa e faleceu em 11/11/1895 em Menton, na França. Iniciou seus estudos com Johann Baptist e entre 1850-1854, estudou em Viena, Veneza, Florença e Roma. Na Áustria, foi aluno do escultor Johann Meixner (1819-1872), e em 1857 decide continuar seus estudos em Paris, conhece o escultor Frediani e casa-se com sua filha, herdando o rico atelier de esculturas do sogro, fundado em 1796, provavelmente no *Boulevard Saint-Jacques* e depois na *Rue Bonaparte,* a cem metros da Igreja de *Saint-Sulpice*, nos arredores de Paris.

[4] Dellis Frères teria sido um outro proprietário da *Maison Raffl*.[1] 5 No *Inventaire Général du Patrimoine Culturel* do Ministério da Cultura e Comunicação da França, constam catálogos da Casa Sucena e seus antecessores Franco et Carvalho (1878), Leite et Nunes (1887?) e Sucena (1890).

A Casa Sucena, originada em 1806, de propriedade de Azevedo & Ramos, teve vários proprietários, sendo o Conde José Rodrigues Sucena, aquele que lhe deu o nome, maior fama e expansão. Sediava-se na Rua da Quitanda, nº 101, na cidade do Rio de Janeiro e, em 1888 era, por contrato, o único fornecedor das matrizes da província do Rio de Janeiro e diocese do Império, em 1895 possuía uma fábrica de imagens e distribuía catálogos compostos de cinco volumes[5] . Fornecedora de imagens sacras fabricadas na França e Portugal, durante a administração de José Rodrigues de Sucena, mantinha um estabelecimento de vestuário e artigos religiosos em Paris, de onde, possivelmente exportava os produtos da *Maison Raffl et Cie* e outras casas francesas. Em Portugal, mantinha um outro escritório na cidade do Porto, de onde exportava imagens sacras da Casa Estrella, como indica a publicidade do ano de 1916 na revista Illustração Catholica.

Com os altos custos de importação de retábulos marmóreos e imagens sacras, surgem nos últimos decênios do século XIX, uma nova demanda de retábulos confeccionados em madeira, entalhados e policromados ao gosto neogótico e eclético produzidos por artistas de origem europeia radicados no Brasil.

MARINO DEL FAVERO: Estabelecimento de esculptura e entalho

Marino Stefano Del Favero Gorio nasce em 3 de março de 1864 em San Vito di Cadore, Itália. Casa-se em 1887, com Anna Maria Pordon "Pioaneto", (San Vito di Cadore, 1867 - São Paulo, 2/12/1943), com quem teve quatro filhos. Era sobrinho, por parte da mãe, do escultor Giovanni Battista De Lotto "Minoto" (San Vito di Cadore, 25/02/1841-12/03/1924), reconhecido em todo o território italiano e seu futuro mestre[6].

Estudou na Academia de Belas Artes de Veneza e, no final de 1892, em data ainda imprecisa, aos 28 anos de idade, chega com sua família à São Paulo onde, no ano seguinte, funda o "Estabelecimento de Esculptura e Entalho". Falece aos 79 anos de idade no dia 23 de junho de 1943, em sua residência, nos pavimentos superiores de suas oficinas à Rua 7 de Abril, 356, depois de 50 anos ininterruptos de atividade artística e comercial no Brasil.

Figura 1 – Marino Del Favero - "Sala de Exposições Permanentes".

Fonte: Il Brasile e gli italiani, 1906, p.1043.

[5] No *Inventaire Général du Patrimoine Culturel* do Ministério da Cultura e Comunicação da França, constam catálogos da Casa Sucena e seus antecessores Franco et Carvalho (1878), Leite et Nunes (1887?) e Sucena (1890).

[6] Em 1877, aos treze anos de idade, Marino Del Favero parte para Veneza para estudar na *Accademia di Belle Arti* e trabalhar com seu tio Giovanni Battista De Lotto em seu recém aberto atelier, após este ter trabalhado por 20 anos junto do escultor Valentino Panciera Besarel. Em 1891, De Lotto fecha o estabelecimento e Marino Del Favero retorna com o tio para o Cadore, onde permanece por cerca de um ano, produzindo algumas obras escultóricas.

Fotografias publicadas na Revista Santa Cruz em 1904, revelam as oficinas, depósitos e sala de exposição (Figura 1) do estabelecimento de Marino Del Favero, mostrando além de suas obras, funcionários, o próprio artista e o modo de produção de suas obras.

Foi premiado e reconhecido, recebendo certificados expedidos por sacerdotes e bispos para os quais trabalhou, e tendo participado de ao menos 18 mostras, nacionais e internacionais, sendo em muitas premiado. Contava com 25 empregados, em sua maioria imigrantes italianos, entre escultores, pintores, douradores e decoradores. Entre estes, são conhecidos os nomes de Sciannamea (Itália - ?), Enrico Santorsola (Nápoles, 25/03/1877 - ?), Guido Ducci (Itália, 1865 – São Paulo, 1902) e Francisco Ferreira, o "Chico Santeiro" (Cunha 03/12/1893 - Aparecida, 17/11/1980).

Publicou anúncios em jornais, revistas e almanaques, utilizava papéis timbrados e decorados para seus orçamentos e recibos, distribuiu catálogos comerciais ilustrados, como o de 1904 encontrado em um arquivo privado no Cadore, Itália, (Figura 2) e o datado de 1911, proveniente de uma coleção privada de Minas Gerais.

Figura 2 - Capa do Catálogo Ilustrado do estabelecimento de Marino Del Favero, 1904.

Fonte: Marino del Favero, 1904.

Foi pioneiro na industrialização da arte sacra em São Paulo com a introdução de imagens fundidas em *cartón-pierre*, deixou obras encontradas nos estados de São Paulo e Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Argentina.

ATELIER DE ARTIGOS PARA O CULTO HENRIQUE RÜDIGER

Henrique Germano Rüdiger, de possível origem alemã, nasceu em localidade desconhecida no ano de 1897 e faleceu em Porto Alegre, RS, em 1981; são desconhecidas informações sobre suas origens, formação e trajetória artística[7]. Executou altares e imagens para todo o Rio Grande do Sul e o notável retábulo-mor em estilo gótico-flamejante da Basílica de Santo Antônio do Embaré de Santos, SP.

[7] Em sua tese, Carvalho (2015), expõe uma imagem da fachada do "Atelier de artigos para o culto de Henrique Rüdiger", fundado em data desconhecida e localizado à Rua Christovam Colombo, nº 1971, na cidade de Porto Alegre, RS, com o escultor à porta.

Figura 3 - Catálogo ilustrado de Henrique Rüdiger, s.d.

Fonte: Rudger, s.d.

Em data incerta do início do século XX, distribui um catálogo comercial com 35 páginas ilustradas que indica seu estabelecimento como uma importante fábrica de imagens, altares e mobiliário religioso, sendo premiado com Grande Premio na Exposição Geral de Industrias – 1926 (Figura 3)[8].

GRANDE LABORATÓRIO ARTÍSTICO ZAMBELLI

Tarquinio Zambelli foi o fundador de uma linhagem de artistas no Brasil. Nascido em Canneto sull'Oglio, província de Mantova na Itália, em 8 de setembro de 1854, pertencia à quinta geração de artistas, sendo filho de um quase desconhecido entalhador de nome Angelo. Estudou na Escola de Belas Artes de Milão, formando-se aos 16 anos de idade.

Aos 24 anos, casa-se com Rosa Pizzon, nascida na mesma localidade, gerando cinco filhos, sendo o mais velho, Michelangelo o único nascido na Itália. Em meados de 1883 imigra para Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul. Em 1916, casa-se em segundas núpcias com Carmela Troian Zambelli, com quem tem mais três filhos. Falece em Caxias do Sul em 1935, aos 78 anos de idade. Funda seu atelier de escultura em data desconhecida e considerava seus filhos como membros de um Grande Laboratório Artístico, ensinando a todos o ofício da arte sacra. Costumava expor nos grandes salões de Milão, recebendo prêmios de menção honrosa, diplomas e medalha de ouro, com exceção da Exposição Nacional de 1908, em comemoração ao I Centenário da Abertura dos Portos do Brasil ao Comércio Internacional, ocasião em que o Júri Superior lhe conferiu um Diploma com medalha de prata[9].O segundo casamento trouxe desavenças entre os filhos do primeiro, e a partir de então, Tarquinio passa a trabalhar sozinho. Não foram encontrados catálogos ilustrados do estabelecimento de Tarquinio Zambelli do período da *Belle Époque*, somente a imagem de um Álbum de Fotografias antigo (Figura 4)[10].

---

[8] Após solicitação, obtivemos uma cópia digitalizada de todo este catálogo que pertence ao Processo de Tombamento 001.011617.06.3. da Secretaria Municipal de Cultura; Equipe do Patrimônio Histórico e Cultural EPAHC), Porto Alegre, 2006 – Arquivo Municipal de Porto Alegre/Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (AMPA/APERS).

[9] Marino Del Favero vence o Grande Prêmio do Setor de Artes Aplicadas na mesma Exposição Nacional em1908.

[10] Seus filhos, Estácio e Michelangelo, continuaram sua atividade, cada qual fundando um atelier próprio. O Arquivo Histórico Municipal João Spadari. Adami, de Caxias do Sul, possui em seu acervo um álbum de fotografias coloridas, não datado, com 73 imagens de gesso de fatura recente, além de uma coleção de 80 fotografias avulsas em preto e branco, de imagens sacras, também recentes, do atelier de Michelangelo Zambelli.

Figura 4 – Álbum de fotografias de Tarquinio Zambelli, s.d.

Fonte: Tarquinio Zambelli, 2017

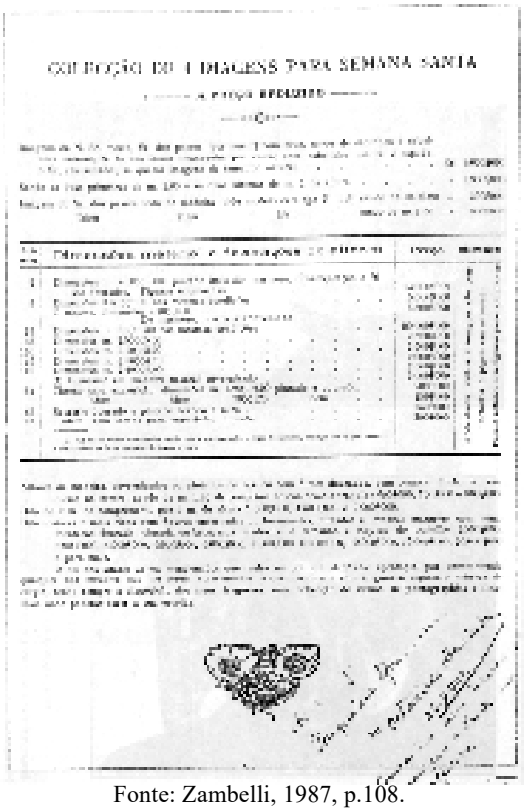
ATELIER DESCONHECIDO

Na página 108 do livro de Irma Bufon Zambelli sobre o escultor Taquinio Zambelli, encontra-se a reprodução de uma página de um catálogo de autor desconhecido, proveniente de São Paulo, conforme a dedicatória no canto inferior direito, de Otacilio Barlecedo (?), datada de 1907, e que pertenceu ao acervo do escultor.

Ao que a imagem indica, esta seria a página nº 5 de um catálogo ilustrado de obras sacras, onde o artista fornece uma "Coleção de 4 imagens para Semana Santa a preço reduzido" (Figura 5). Esta coleção seria formada por imagens de vestir, pouco usuais na *Belle Époque* mas muito comuns nos períodos barroco e rococó brasileiros.

O texto e valores dos altares e imagens apresentados neste catálogo são semelhantes aos dos Catálogos Ilustrados de Marino Del Favero distribuídos nos anos de 1904 e 1911, o que nos faz crer que seja um adendo do catálogo de 1904 ou parte de um outro seu catálogo.

Figura 5 – Catálogo desconhecido, 1907.



Fonte: Zambelli, 1987, p.108.

DEVOÇÃO E ICONOGRAFIA

Com a chegada da igreja ultramontana e dos imigrantes europeus no Brasil, as festas populares do período imperial perdem espaço para as festas europeias, é instituída a primeira sexta-feira do mês como data de celebração e devoção ao Sagrado Coração de Jesus e, no interior dos templos religiosos, verifica-se a substituição dos antigos santos de culto dos períodos colonial e imperial, pelos santos de devoção europeus e aqueles recentemente canonizados.

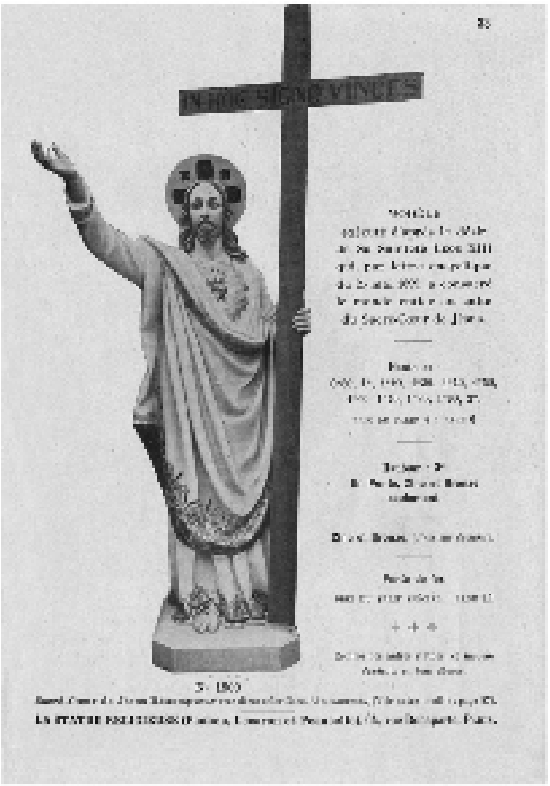
> No final do século XIX , entretanto, as devoções que possuíam uma larga expressão popular, como a de São Benedito e a do Divino Espírito Santo, a de Nossa Senhora do Rosário, a de Santa Efigênia, a de Santo Elesbão e a dos Reis Magos começaram a ser desqualificadas pelos agentes ultramontanos. Discretamente as imagens eram retiradas dos altares centrais e alojadas em capelinhas. O mesmo se deu com as devoções brancas, de fortes raízes populares - como o culto ao Bom Jesus Sofredor, expresso nas diferentes figurações do Bom Jesus da Cana Verde, da Lapa, dos Perdões, do Senhor dos Passos, do Bom Fim, do Senhor Morto - entre outras [...] As imagens do milagroso Bom Jesus iam sendo substituídas pela divulgação de outra, ligada ao culto do Sagrado Coração de Jesus, promovida especialmente pelos padres jesuítas através de associações, agora ultramontanas, como o Apostolado da Oração. ...] os antigos santos foram aposentados nas sacristias, enquanto eram entronizadas nos lugares centrais imagens de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, de Santo Afonso de Liguori, de São Luís Gonzaga, de Nossa Senhora Auxiliadora, de São João Bosco, de Santa Úrsula, da Sagrada Família, de São José, de Madre Mazzarello, entre outras. Os cultos europeus que se instalaram nos altares das paróquias e nas capelas de colégios católicos tornaram-se espelhos paradigmáticos a serem imitados nas vivências cotidianas. [...] (GAETA, 1997)

Nos catálogos das importadoras como a Casa Sucena, bem como naqueles das fábricas pioneiras estudadas, ao lado das devoções coloniais e imperiais, verifica-se a introdução de várias imagens de santos de devoção europeia, bem como de novas iconografias em substituição daquelas tradicionais trazidas pelos portugueses no início da colonização.

As aparições de Jesus Cristo à Santa Margarida Maria de Alacoque em 1673, 1674 e 1675, e mais tarde à Beata Maria do Divino Coração, em 1889, levam o Papa Leão XIII à consagrar solenemente a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Surge a iconografia do Cristo com seu Sagrado Coração traspassado pela lança de São Longinus e coroado de espinhos, colocado sobre seu peito.

A partir do pedido do Papa Leon XIII, é criada a imagem do Sagrado Coração de Jesus. O modelo é executado pela *Maison Raffl*, com manto decorado com flores *Art Nouveau* (Figura 6), de acordo com o desejo de Sua Santidade León XIII por carta encíclica de 25 de Maio de 1899, que consagrou ao mundo o culto do Sagrado Coração de Jesus.

Figura 6 – *Sacrè-Coeur de Jèsus Redemptor, Maison Raffl*.



Fonte: *Maison Raffl, Catalogue* nº 59, s.d., p.33.

Em 1830, após a aparição da Virgem Maria à Catarina Labouré, na França, surge a devoção à Medalha Milagrosa com o emblema "M" de Maria de um lado e do outro os Sagrados Corações da Virgem e de Jesus. Com a aparição da Virgem em 13 de maio de 1917 aos pastorinhos em Fátima, Portugal, surge a devoção ao Sagrado Coração de Maria, bem como à Nossa Senhora de Fátima. Em 1857, após três anos da fundação da Congregação dos Missionários do Sagrado Coração, que havia o intuito de divulgar a devoção à Medalha Milagrosa, surge a devoção à Nossa Senhora do Sagrado Coração por inspiração de um de seus fundadores, o Pe. Jean Jules Chevalier (Figura 7).

Figura 7 – *Notre Dame du Sacré Coeur, Maison Raffl.*

Fonte: *Maison Raffl, Catalogue nº 59, s.d.*

Figura 8 – Imaculada Conceição, Casa Estrella.

Fonte: Casa Estrella, 1914, p.12

A tradicional iconografia de Nossa Senhora da Conceição passa a ser substituída por imagens sacras inspiradas na pintura de Bartolomé Esteban Murillo (1660), introduzindo uma nova iconografia da Virgem vestida de branco e manto azul, com os cabelos soltos e sem véu, com as mãos postas sobre o coração e não mais em posição de oração (Figura 8).

Nos catálogos estudados, aparecem ainda a recorrente comercialização de imagens de Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora de Lourdes, Nossa Senhora do Rosário (junto de São Domingos e Santa Catarina), Nossa Senhora Auxiliadora e Santa Teresinha.

Em 1862, a primeira imagem de Nossa Senhora de Lourdes, é esculpida pelo francês Joseph-Hugues Fabisch (Aix-en-Provence, 1812 - Lyon, 1886), mais tarde copiada em todo o mundo.

Em 1917 a Virgem de Fátima aparece por seis vezes consecutivas a Lúcia, Francisco e Jacinta e, no mesmo ano, o escultor português José Ferreira Thedim (S. Mamede do Coronado, PT, 1892 - 1971) é levado até a Irmã Lúcia para recolher dados para a execução da obra de 1,30 m de altura que será reproduzida até os dias atuais.

Imagens oficiais de Santa Teresinha de Lisieux começam a ser produzidas em 1921, ainda antes de sua beatificação, pelo *Office Central de Lisieux*[11] nos *Ateliers Saint Joseph*, que funcionavam ao lado do Carmelo.

Nossa Senhora Auxiliadora tem sua festa, promulgada pelo Papa Pio VII em 1816, porém, sua devoção tem origens em 1571. No Brasil, a devoção se inicia com a chegada dos primeiros Salesianos em 14 de julho de 1883, vindos em missão.

[11] O Convento de Lisieux funda, em 1917, o OCL - Office Central de Lisieux, para tratar dos assuntos comerciais dedicados à causa de Santa Teresinha. Fonte: DEBOICK, 2011.

Com a chegada de numerosos estrangeiros, muitas devoções europeias se instalam no Brasil. Nos catálogos de Marino Del Favero observa-se a introdução de novas invocações italianas, enquanto no catálogo de Henrique Rüdiger, predominam os santos de devoção da Alemanha. Marino Del Favero introduz ainda a venda de imagens de Nossa Senhora Aparecida, inspiradas na imagem original atribuída à Frei Agostinho de Jesus, antes comumente comercializada em gravuras e pequenas imagens de metal. Seu ex-funcionário, o cunhense "Chico Santeiro", ao retornar da capital paulista para Aparecida, no Vale do Paraíba, dedicará toda sua carreira à criação de imagens da padroeira do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo dos catálogos ilustrados distribuídos pelos fabricantes de imaginária e obras sacras no final do século XIX e início do século XX, bem como dos álbuns fotográficos, publicidades em periódicos de época e fotografias de equipes e seus ateliers, possibilitam a compreensão e entendimento dos sistemas de fabrico, exposição, divulgação e vendas de obras sacras, neste recorte temporal.

Neste período, rapidamente a imaginária em gesso substituiu a tradicional imaginária sacra em madeira e pedra, com a vantagem de produção rápida, econômica e por permitir maior diversidade de formas e iconografias, além de representarem o progresso e modernidade expressos pela industrialização do período.

Apesar de idênticas quanto à forma, as imagens de gesso produzidas em série se distiguem uma das outras através do acabamento que recebem. A destreza do policromador e o gosto do cliente, definem o aspecto final das imagens e lhes imprime características e valores únicos. Cada fabricante oferecia aos seus clientes ao menos 4 ou 5 tipos de acabamento, que variavam do mais simples ao mais elaborado, enriquecido com folhas de ouro ou prata, com características próprias que ainda os distinguem e revelam seu talento e criatividade.

Assim, o ecletismo nas obras sacras se verifica na mescla de estilos, inspirações formais e decorativas da grande variedade de devoções e iconografias da imaginária sacra encontrada em igrejas e templos religiosos do período da *Belle Époque* brasileira.

Portanto, com esta pesquisa, procuramos explorar os processos de criação, vendas e distribuição das novas imagens em gesso e retábulos pré-montados ofertados pelos primeiros fabricantes de produtos religiosos no Brasil e ressaltar o valor destas obras criadas por verdadeiros artistas e incitar a sua preservação, seja em seus espaços religiosos originais quanto nos espaços museológicos, visando sua transmissão para as gerações futuras.

Ressaltamos que, tão importante quanto a preservação dos objetos religiosos produzidos por estes fabricantes, é a preservação destas fontes primárias de estudo artístico-sócio-religioso.

REFERÊNCIAS

Artes – O Snr. Marino Del Favero**. Revista Santa Cruz**. São Paulo, nº6 – março, 1907, p. 243-250.

ATELIER DESCONHECIDO. *In:* ZAMBELLI, Irma Bufon. **A retrospectiva da arte ao longo de um século.** Caxias do Sul: EDUCS, 1987.

CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. **História e Arte Funerária dos Cemitérios São José I e II em Porto Alegre (1888-2014)**. Porto Alegre, 2015. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 548 f.

CASA ESTRELLA – **Artigos Religiosos em Madeira, Marfim, Massa, Metal, Crystal, etc. etc. Unica casa do país n'este gênero.** Antonio d'Almeida Estrella Filho. Porto.1914. Acervo da Biblioteca Nacional de Portugal – BNP.

CAVATERRA, Cristiana Antunes. **Marino Del Favero, escultor e entalhador (1864 - 1943).** São Paulo, 2015. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Instituto de Artes. 499 p.

CAVATERRA, Cristiana Antunes. **OS CATÁLOGOS ILUSTRADOS: devoção, iconografia e comercialização de obras sacras na *Belle Époque* brasileira.** Mariana, 2017. Monografia (Especialização em História da Arte Sacra) – Faculdade Arquidiocesana de Mariana - Dom Luciano Mendes. 75 p.

DEBOICK, Sophia Lucia. **Image, Authenticity and the Cult of Saint TheìreÌse of Lisieux, 1897-1959.** Tese (Doutorado em Filosofia) – University of Liverpool. 331 p. Disponível em: <http://www.archives-carmel-lisieux.fr/english/carmel/images/tous_les_pdf/DeboickSop_Jan2011_3773.pdf>. Acesso em: 02/10/2017.

DEL FAVERO, Marino & Irmão - **Esculptor e Entalhador em madeira.** São Paulo, 1904. 14p. Circular Publicitaìria. Acervo privado.

DEL FAVERO, Marino - **Estabecimento de esculptura e entalho**. São Paulo, 1911. 3p. Circular Publicitária. Acervo privado.

GAETA, Maria Aparecida Junqueira Veiga. A Cultura clerical e a folia popular. **Revista Brasileira de História.** vol. 17 n. 34. São Paulo, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881997000200010>. http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01881997000200010. Acesso em: 31/05/2017.

IL BRASILE E GLI ITALIANI: PUBBLICAZIONE DEI "FANFULLA". Firenze: R. Bemporad & figlio, 1906.

MAISON RAFFL – **La statue religieuse.** Catalogue nº 59. Paris, s/d. Disponível em: < https://e-monumen.net/categorie/volumen/la-statue-religieuse-n-59/>. Acesso em: 23/06/2017.

REPERTOIRE des Catalogues du Mobilier et des Objets Religieux des XIXe et XXe Siecles. Inventaire general du patrimoine culturel. Ministère de la Culture. France, [2002?]. Disponível em: <http://www.inventaire.culture.gouv.fr/referentiels/Telecharg/SAINTMARTIN2008.pdf>. Acesso em: 04/10/2016.RÜDIGER, Enrique. – **Atelier de Artigos para o Culto.** Porto Alegre, s.d.. 35 p. Acervo do Arquivo Municipal de Porto Alegre/Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (AMPA/APERS).

ZAMBELLI, Irma Bufon. **A retrospectiva da arte ao longo de um século.** Caxias do Sul: EDUCS, 1987.

ZAMBELLI, Tarquínio. – **Álbum fotográfico**. Imagem disponível em: < http://wp.clicrbs.com.br/memoria/tag/estacio-zambelli/?topo=35,1,1,,,35>. Acesso em: 01/06/2017.